

CARTA DE SÃO PAULO - ONLINE 5 - NOVA SÉRIE - ANO III

Ter, 05 de Novembro de 2013 17:57



EDITORIAL



(Jóquei Clube de São Paulo)

A Carta de São Paulo deste mês traz relatos e reflexões das diversas atividades que aconteceram no mês de outubro em nossa Seção, bem como um texto de Niraldo de Oliveira Santos, apresentado em uma atividade de preparação para as Jornadas da EBP-SP 2013, que aconteceram nos dias 8 e 9 de novembro.

A partir do artigo “*O lugar da psicanálise na medicina*”, Niraldo trabalhou questões relacionadas ao trabalho do psicanalista nas instituições de saúde, principalmente no âmbito do hospital geral. A discussão e o debate que sucederam sua fala deram a medida do quanto é necessária, e mesmo imprescindível, a presença do analista nessas instituições.

O tema das Jornadas: *Lacan. Psicanalista. Brasileiro*. O que fazemos no Brasil com o ensino de Jacques Lacan? provocou Rodrigo Camargo, que escreveu um artigo intitulado “*O último lacaniano*”. Confira o que ele pensa a respeito.

Simone Brandão de Carvalho e Silva relata o que foi a 2ª. *Conversação entre os laboratórios do CIEN*, ocorrida na sede da Seção São Paulo em 4 de outubro, momento preparatório para a VI Jornada Internacional do CIEN “*Me inclui fora dessa*”, que acontecerá em Buenos Aires na semana do VI Enapol.

Reflexões sobre o trabalho em cartel estão na conferência proferida por Cinthia Busato, Diretora de Intercâmbio e Cartéis de Santa Catarina, por ocasião da Jornada de Cartéis de 5 de outubro em São Paulo e no texto “*Um boneco vivo*”, de Maria de Lourdes Mattos.

Em 19 de outubro tivemos a oportunidade de ir para a Avenida... Paulista. A Casa das Rosas, em parceria com a EBP-SP, realizou o Sarau "Chama Poética", com o tema *Elogio da Loucura*, ocasião em que Maria do Carmo Dias Batista e Marco Antonio Guerra discutiram o tema, por nós proposto, Loucos de Paixão, a partir do filme “*O império dos sentidos*”. Você, leitor, poderá conhecer o que foi discutido através do texto de Maria do Carmo e da resenha feita por Perpétua Medrado Gonçalves.



Antes de concluir gostaria de mencionar o entusiasmo que pudemos apreciar nos trabalhos desenvolvidos durante as Jornadas da EBP-SP 2013: as Plenárias colocando em discussão a *Ciência, a Educação e a Psicanálise*, a prática de cada um mostrada nas *Mesas Simultâneas*, e o *Seminário Psicanálise. Hoje. Brasil*. que discutiu pontos importantes da Escola de Lacan e sua perspectiva futura.

Os Boletins das Jornadas se encontram em nosso site (www.ebpsp.org.br) e trazem informações sobre os temas discutidos, bem como referências bibliográficas relevantes.

Muita coisa para ser lida e apreciada!

Informamos que durante os meses de dezembro e janeiro estaremos em férias, não havendo, portanto, atividades na Seção São Paulo. Voltaremos em fevereiro de 2014 com os trabalhos na Seção cuja agenda será oportunamente divulgada.

Agradecemos a todos os que estiveram conosco durante o ano de 2013 e desejamos um Feliz 2014!

Marizilda Paulino

EBP-SP

DIRETORIA DE BIBLIOTECA

Noite da Biblioteca - EBP-SP

Resenha: Elena, documentário de Petra Costa

Cynthia N. De Freitas Farias

“Você é minha memória inconsolável, feita de pedra e sombra. É daí que tudo nasce e dança”¹.

Assim, Petra Costa finaliza seu documentário sobre o suicídio de sua irmã, Elena. Um filme autoral no qual demonstra de que maneira, pela arte, extraiu de uma perda irreparável, um sentimento de vida.

Para Maria Josefina Sota Fuentes, convidada pela Diretoria da Seção para comentar o filme, “o sentimento de vida, não basta nascer para tê-lo. O desejo de viver é uma construção, no caso dela (Petra), poderíamos pensar que seja um *sinthoma*”.

“Um filme sobre a vida” é um dos ensinamentos que Maria Josefina extrai dessa experiência. Ao deixarmo-nos ensinar pelo filme, segundo a indicação de Lacan², podemos conversar, juntamente com Maria Helena Barbosa, coordenadora da atividade e com os demais presentes, sobre aquilo que esse documentário fez ressoar em cada um de nós.



Se num primeiro momento somos tomados pelo impacto de um indizível que mobiliza a angústia e aponta para um mais além, a beleza das imagens e das palavras vão construindo um aparato, um véu. Como disse Maria Josefina, lembrando Lacan no Seminário 73: a beleza é este último véu diante da morte.

Este documentário permite esclarecer, segundo Maria Josefina, o essencial da melancolia que, além de uma crise no narcisismo, como propôs Lacan em 1938, traz em seu bojo a passagem ao ato suicida, um empuxo a se reunir ao outro no real. Observa que algo da imagem não se sustenta nessas mulheres e mais declaradamente em Elena, que pelo ato suicida, tentou reintegrar-se ao Outro. O melancólico coloca a céu aberto o ponto em que o Outro não responde por estrutura. Por meio deste filme, a autora nos convida a pensar o suicídio do lado das mulheres, a partir da inconsistência de um significante e da imagem para sustentar um corpo, condição a qual os sujeitos femininos estariam mais expostos. Porém, a angústia que o filme suscita decorre do fato de que, apesar de nossas referências fálicas mais ou menos consistentes, estamos todos sujeitos a esse deixar-se cair do corpo.

Maria Helena aproxima as três mulheres dos três registros propostos por Lacan: real, simbólico e imaginário. Elena busca o objeto no real; sua mãe, no imaginário, repetindo o passado, e Petra procura recuperá-lo no simbólico. Três formas de responder ao encontro com o objeto.

O pai que se fez/faz presente pela mais profunda ausência, o traumatismo (*troumatisme*) vivido por Petra, possivelmente permitindo que ela pudesse desconsistir o Outro e sublimar sua dor pela arte, a forma como cada um dos sujeitos tentou se salvar às custas do outro, foram questões evocadas pela plateia.

Elena viveu a morte fora da cena, enquanto Petra coloca a morte em cena, elaborando o luto dessa perda por meio de sua arte. Arte esta que, como ela mesma diz, faz parte da vida das mulheres dessa família, mas que por si só não daria conta de afastá-la do lugar nefasto que sua mãe a coloca, identificando-a a Elena na tentativa de reparar sua perda. A aposta de sua mãe no imaginário na intenção de obter uma resposta faz com que empenhe sua vida reverberando a pergunta sem resposta sobre a morte prematura da filha. Petra, por sua vez, faz seu apelo aos outros: às terapias às quais submeteu-se, à arte. Serve-se desses outros para construir uma resposta singular. Sua resposta, a palavra que falta, o indizível de sua experiência, evoca-se “nas frestas da poesia”⁴.

Notas:

1Elena (Brasil, 2012). Documentário dirigido por Petra Costa com roteiro de Carolina Ziskind e Petra Costa. Produzido por Daniela Santos e Julia Bock. Fotografia de Janice d'Avila, Miguel Vassy, Will Etchebehere.

2Lacan, J. (1965/2003). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: Outros escritos. (pp. 198-205). Rio de Janeiro: Zahar.

3Lacan, J. (1959-1960/1988). O seminário, Livro VII: a ética da psicanálise.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

4Elena (Brasil, 2012).

DIRETORIA DE INTERCÂMBIO E CARTÉIS



Cynthia Busato, Diretora de Intercâmbio e Cartéis da EBP-SC, e convidada para nossa Jornada de Cartéis deste ano, aborda em sua conferência a importância do trabalho em cartel para a formação do analista, destacando a questão da ousadia e da coragem inerentes a esse laço de trabalho inventado e proposto por Lacan para sua Escola.

Maria de Lourdes Mattos, a partir de duas referências extraídas do campo da arte, e produzidas em momentos históricos distintos, discute, em seu trabalho da Jornada de Cartéis da EBP-SP - 2013, questões da atualidade da clínica.

Boa leitura a todos!

Cássia Maria Rumenos Guardado

REFLEXÕES

BRASIL. PSICANÁLISE. MEDICINA. EXTRATERRITORIAL: MAIS, AINDA.

Niraldo de Oliveira Santos

Diretor de Ensino - CLIPP, Diretor de Assistência da Divisão de Psicologia do Hospital das Clínicas - SP.



O tema aqui discutido toma como eixo o texto transcrito a partir da participação de Lacan, em 1966, numa mesa-redonda a convite de sua supervisionanda Jenny Aubry, pediatra e psicanalista, que atuava no pavilhão pediátrico da Pitié-Salpêtrière, em Paris.

Como deve ser do conhecimento de todos vocês, a participação de Lacan nesta mesa-redonda foi, no mínimo, polêmica. Uma versão editada desta fala foi publicada na Revista Opção Lacaniana número 32, de dezembro de 2001, sob o título “*O lugar da psicanálise na medicina*”.

Deste texto, extraio três pontos que considero de extremo valor para as questões relacionadas ao trabalho do psicanalista nas instituições de saúde, principalmente no âmbito do hospital geral, a saber: a ruptura entre a demanda e o desejo do doente, a noção de que o corpo é feito de gozo e que o corpo goza, e a condição extraterritorial da psicanálise em relação aos demais discursos encontrados no hospital. Para percorrer estes três pontos, pretendo convidá-los para uma breve incursão ao que vemos/escutamos, cotidianamente, na instituição hospitalar.

Em uma porta de entrada, temos os casos de urgência/emergência. Sujeitos atropelados (muitas vezes, literalmente) por um real que os convoca a perceber, diante do horror, a fragilidade da condição humana: amputação de membros, perda de uma função vital, queimaduras autoinfligidas, queimaduras em crianças por negligência ou maus-tratos, tentativas de homicídio ou suicídio. Acidentes vasculares cerebrais ou tantos outros que pressionam, imediatamente, o sujeito a lidar com a castração – ou o retorno dela, fazendo deste tropeço com o real uma oportunidade única para o encontro com o psicanalista, ainda que muitas vezes o sujeito não encontre facilmente as palavras.



Mas também vemos, por outra porta do hospital, pacientes que explicitam, de modo obsceno, o gozo particular com a instalação na condição de doente. Nestes casos, o ser diabético, renal crônico, asmático, anorético, bulímico, é praticamente indissociado de seu modo de se representar no mundo, de tão agarrados que são aos significantes que arranjaram nas contingências do destino.

Nestes casos, o psicanalista também é solicitado a intervir, pois são pacientes frequentemente poliqueixosos, não aderentes ao tratamento – ou excessivamente aderidos ao hospital e às equipes. Estes pacientes, não raramente, denunciam o fracasso das terapêuticas convencionais e confrontam os profissionais com a impotência que o gozo e a pulsão de morte sabem fazer tão bem.

Neste ponto, retomo um trecho de Lacan na referida participação de 1966:

"Quando o doente é enviado ao médico ou quando o aborda, não digam que ele espera pura e simplesmente a cura. Ele põe o médico à prova de tirá-lo de sua condição de doente, o que é totalmente diferente, pois isto pode implicar que ele está totalmente preso à ideia de conservá-la. Ele vem às vezes nos pedir para autenticá-lo como doente." (Lacan, 1966/2001, p. 10).

Quando o médico consegue reconhecer esta distância entre a demanda e o desejo no paciente, ele também encaminha, na melhor das hipóteses, o paciente para o psicanalista.

Porém, também é possível aos profissionais da equipe construírem outras hipóteses para o fracasso do tratamento e, com isso, empreenderem novas estratégias investigativas ou novas terapêuticas tomando, mais ainda, o corpo do paciente como uma peça a ser atravessada pelas mais modernas estratégias das tecnociências.

Diante do paciente tomado de angústia decorrente do encontro com o real ou daqueles outros bem instalados na posição de doentes, de onde retiram sua quota cotidiana de gozo, é esperado que o analista se posicione, ofereça sua escuta e intervenção – o que, a rigor, em nada se diferencia do cotidiano da prática realizada em seu consultório.



Acontece que, no hospital, mais notadamente num hospital-escola, algumas tensões merecem ser pontuadas:

- O empuxo à realização de protocolos de pesquisa e publicações em periódicos científicos, indexados e que compartilham uma certa fobia ao método psicanalítico;
- A supervalorização da utilização de escalas, testes, questionários padronizados – tendo aqui seu ápice nos questionários de qualidade de vida;
- A insistência em eliminar as diferenças discursivas em nome de classificações diagnósticas lipoaspiradas e “ateóricas” dos manuais de classificação diagnóstica;
- A monotonia das afirmações de eficácia exclusiva das técnicas cognitivo-comportamentais, descritas como sendo de baixo custo e desenhadas visando a educação da pulsão.

Vale, neste ponto, lembrar a indicação de Lacan no texto “*A direção do tratamento e os princípios de seu poder*”, de 1958: “*A mais aberrante educação nunca teve outro motivo senão o bem do sujeito*”.

Os artigos científicos derivados dos protocolos de pesquisa passaram a ser a moeda mais valiosa nos departamentos de um hospital-escola. Existem departamentos que remuneram ou premiam à parte os autores dos artigos científicos que contribuem para manter ou elevar a pontuação da Disciplina junto às agências de fomento.

Isto certamente não é novidade, mas expõe uma tensão para o psicanalista, que pode ser assim resumida: espera-se/exige-se a construção de projetos de pesquisa que incluam instrumentos padronizados – que quantifiquem os achados diagnósticos ou estratégias terapêuticas – que facilitem a aceitação na revista de alto impacto – que elevem a pontuação do Departamento – que passa a receber mais recursos para seus projetos, etc.

No ano passado (todos vocês devem ter acompanhado), o Governo de São Paulo, por meio da Secretaria Estadual da Saúde (SES), descredenciou o Centro de Referência da Infância e da Adolescência (CRIA), que inclui, prioritariamente, profissionais psicanalistas e assumiu oficialmente (por meio da abertura de edital para credenciamento institucional) que serviços de orientação psicanalítica não poderiam se candidatar, pois estes não contam com eficácia comprovada. Após uma série de manifestos no meio psicanalítico, a SES modificou o edital.

Fato é que este acontecimento, somado ao que temos visto no cotidiano da nossa prática, nos deixou uma questão e algumas reflexões: o fato de o psicanalista, nas palavras de Lacan, trabalhar na extraterritorialidade, neste topos atópico, não é diferente de se colocar num lugar de segregação? Afinal, a extraterritorialidade se refere, é sempre bom lembrar, à falha epistemos-somática. Trabalhamos com a consequência desta falha e sua manifestação de gozo, e isto não implica em nos privarmos das tensas interlocuções com os mestres contemporâneos.

Expor os efeitos de nossa prática e não nos esquivarmos das tensões daí decorrentes é condição necessária à permanência nas instituições de saúde. Acontece que, ousado interpretar, por algum motivo, alguns analistas que atuam em instituições de saúde parecem adotar uma certa posição de inibição, de alienação ou de mortificação em relação à política implicada em seu ato.

Além da política implicada no ato do analista, que visa confrontar o sujeito com ética do desejo, questiono se este não teria também que se posicionar, quando seu lugar transferencial permitir, diante daquilo que diz respeito ao funcionamento da instituição de saúde.

Temos acompanhado uma certa transformação nos modelos de gerenciamento das instituições públicas. O enfoque administrativo que imprime a marca empresarial na área da saúde pública atual tem como consequência, assim justificada, a redução de custos e a obtenção de lucro. Como efeitos colaterais, temos a contratação de profissionais despreparados via Organizações Sociais (OS) e salários cada vez mais defasados entre os funcionários públicos concursados. Essa vertente “empresarial” é verificada constantemente pelos dispositivos de prêmio de qualidade e análise de gestão em saúde. Sabemos que estas medidas trazem impactos na prática assistencial do psicanalista e, mais uma vez, o convocam a construir estratégias. Um dos problemas que temos enfrentado atualmente diz respeito às listas de espera para avaliação diagnóstica e tratamentos ambulatoriais. Temos colegas com uma centena de casos aguardando convocação. Por um lado, nos perguntamos se isto aponta para a transferência de trabalho endereçada ao psicanalista ou, como é bem provável que em alguns casos, uma dificuldade crescente dos profissionais da saúde em lidar com a queixa dos doentes.



Nestes anos de trabalho em hospital geral, tais impasses, longe de nos fazerem recuar, nos têm permitido convocar a presença de colegas psicanalistas da EBP para a interlocução no hospital, fazendo da aridez da nossa prática algo menos solitário. Estas interlocuções permitiram incluir o Ensino de Lacan em nosso meio, não como a verdade, mas como um dispositivo capaz de fazê-la surgir, ali mesmo onde tantos outros discursos tentam apagá-la em nome de um bem-estar higiênico.

Lembro um comentário de Jorge Forbes em uma de suas participações junto à nossa equipe, quando dizia que a formação do psicanalista deveria incluir a experiência da atuação num hospital geral. A fala me remete ao fato de que, no hospital, temos a dor e a delícia de convivemos com os eixos clínico, político, institucional e, sobretudo, ético do exercício da psicanálise.

Para concluir, gostaria de retomar Lacan com um trecho de “A Ciência e a Verdade”, de 1965. Neste trecho, assim considero, vemos que nossos pontos de tensão não são necessariamente com a ciência, mas sim com o emprego dela em alguns contextos:



"Que é impensável, por exemplo, que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvesse tido lugar antes do nascimento da ciência, no século a que se chama século do talento, o XVII – ciência, a ser tomada no sentido absoluto no instante indicado, sentido este que decerto não apaga o que se instituíra antes sob esse mesmo nome, porém que, em vez de encontrar nisso seu arcaísmo, extrai dali seu próprio fio, de uma maneira que melhor mostra sua diferença de qualquer outro. (...) não visamos, dizendo isso da psicanálise e da descoberta de Freud, ao acidente de ter sido pelo fato de seus pacientes terem ido procurá-lo em nome da ciência e do prestígio que ela conferia (...), que Freud conseguiu fundar a psicanálise, descobrindo o inconsciente. Dizemos que foi esse mesmo cientificismo que conduziu Freud, como nos demonstram seus escritos, a abrir a via que para sempre levará seu nome." (Lacan, 1965, p. 871)

Referências

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios do seu poder (1958). In Escritos. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. A ciência e a verdade (1965). In Escritos. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. O lugar da psicanálise na medicina (1966). Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. Número 32, dezembro de 2001.

O ÚLTIMO LACANIANO

Rodrigo Camargo (Seção Clínica – Clipp)

Lacan veio para esses lados de baixo do Equador uma única vez. Foi no final de sua vida, em 1980, num seminário proferido em Caracas, Venezuela. Ali ele pronunciou algo que até hoje nos faz eco, quando disse: “eu sou freudiano, se vocês quiserem sejam lacanianos”.



Marcava-se assim mais-um efeito de retorno, isto é, Lacan retoma Lacan de *Função e Campo*, texto inaugural de seu ensino em 1953. Desde ali foi o longo caminho de uma interrogação: Lacan soube como ninguém interrogar ininterruptamente a obra freudiana por quase cinco décadas. Provocou uma reviravolta na experiência da psicanálise, fundando um campo específico, a saber, o campo lacaniano (cf. Seminário 17). Ser lacaniano, então, é interrogar a obra de Lacan.

Quem fez isso com o máximo de rigor e perícia foi ninguém menos do que Jacques-Alain Miller. Precisamente, Miller foi seu verdadeiro herdeiro intelectual. Logo após a dissolução da École Freudienne de Paris, Lacan também disse: "*ao-menos-um que me lê*"; seria aqui desnecessário apontar a quem ele se referia. Contudo, isso nos coloca no início de uma nova série de questões.

Se Lacan foi o "*ao-menos-um*" que leu Freud (todo seu ensino se fundamenta nesta lógica), Miller por seu turno foi um leitor contumaz de Lacan, isto é, temos assim constituída uma linha de passe que começa com Freud, passa por Lacan e hoje aterriza em Jacques-Alain Miller (nome que, curiosamente, em português-brasileiro, faz homofonia com "*já que ela é mulher*").



Como ler hoje Freud sem conceber o "*inconsciente estruturado como linguagem*"? Não há como ir até Freud seriamente, retornar a Freud, sem pegar o contorno desenhado por Lacan. Da mesma maneira, não temos condições de acessar Lacan, atualmente, sem passar pelo crivo de Jacques-Alain Miller (tanto parao bem quanto para o mal). No Brasil, a entrada de Lacan se confunde com a chegada de Miller. Este é o sintoma de um Lacan "brasileiro".

Todo o esforço, o empenho e dedicação do trabalho de elucidar Lacan, faz de Miller o que consideraria ser o "último lacaniano". Certamente, ele não foi o primeiro. A história nos conta isso. Porém, a tese parece forte colocada assim de modo abrupto; Jacques-Alain Miller é o último lacaniano simplesmente porque não lemos mais Lacan sem dar mil voltas por ele, seja acompanhando as lições de seu curso de orientação, seja pegando o sentido oposto, sem antes decidir tomá-lo como referência negativa. Depois de Miller, não resta mais dúvida, somos agora no mínimo "lacano-americanos". E isso não é sem consequências no Brasil e, principalmente, aqui em São Paulo.

CIEN – “ Frente aos Protocolos” – 2ª Conversação entre laboratórios

Simone Brandão de Carvalho e Silva

Participaram desta Conversação, que ocorreu em 04/10/2013, dois laboratórios: “*As Manifestações do Higienismo na Atualidade*”-SP, e “*aFINARTE*”-Ribeirão Preto. A Coordenadora do CIEN–SP, Siglia Cruz de Sá Leão, ressaltou a importância destes encontros como momento preparatório para a VI Jornada Internacional do CIEN “*Me Inclui fora dessa*” – a bússola que cada um inventa, que acontecerá na Argentina em novembro próximo.

O laboratório aFINARTE trouxe como vinheta prática o relato de caso do CAPSi de Ribeirão Preto, intitulado “*Uma História de Família*”. Trata-se de uma família de dependentes: pai e quatro filhos usuários de substâncias, mãe tabagista. Os dois filhos mais novos foram encaminhados ao CAPSi, acompanhados dos pais e avós. Estes adolescentes tinham envolvimento com criminalidade, eram usuários de drogas, foram afastados da escola e

houve o pedido de reinserção escolar via Conselho Tutelar. Esta situação chamou atenção da psicóloga e enfermeira que encontraram muitas dificuldades na condução deste trabalho. Os pacientes são desinteressados, faltosos e resistentes às atividades propostas. *”Frente aos Protocolos”*, tema desta conversação, provocou e convocou as profissionais, participantes do CIEN, a repensarem o modelo dos atendimentos propostos pela instituição, como o trabalho em grupo. Perceberam que o olhar particularizado, para cada um dos pacientes – irmãos –, é o que de fato possibilitou o caminhar do trabalho em andamento.



Heloisa Telles, Psicanalista, membro da EBP/AMP, foi a animadora da conversação e ressaltou a complexa e difícil situação apresentada, afirmando que é preciso estar atento, na própria organização do serviço, a “como” escutar, “quem” escutar e “o quê” escutar. A situação relatada exigiu das profissionais uma escuta atenta, acarretando mudanças na forma de acolhimento. Em regra, o que se espera do trabalho no CAPSi é a inclusão e a reinserção familiar. Ficou explicitado, neste relato, a necessidade de acolher o “saber” do sujeito, sujeito, este, que na maioria das vezes ignora ser ele próprio a sede de seu saber. A partir desta orientação, torna-se possível o sujeito formar laços, o que o levará à inserção social. O escutar cada um, esta invenção singular, precisa estar do lado dos profissionais, e é a partir deste ponto que se torna possível sustentar o trabalho. A organização da instituição é necessária e diferente do protocolo. O protocolo recai sobre a orientação, quando esta, no afã do universal, não leva em conta a particularidade de cada situação apresentada.



O laboratório *“As manifestações do Higienismo na Atualidade”* apresentou vinheta prática e articulações teóricas sobre este tema vasto e polêmico. As primeiras práticas higienistas e a cura das enfermidades sempre estiveram sob o poder médico. Sobre a medicalização na infância, traz um dito popular: *“é de pequenino que se torce o pepino”*, para justificar a medicalização precoce. O vivo da prática deste laboratório nos fala de um menino de seis anos, que, desde os três, mora em casa de Acolhimento. Na 1ª instituição que frequentou, os cuidadores não se envolviam muito com o caso; já na 2ª, para onde foi transferido junto com o irmão, os técnicos eram mais interessados. Precocemente, teve o diagnóstico de TDAH. Está em tratamento psiquiátrico e faz uso de Ritalina. Passou por psicoterapias e hoje está em tratamento psicanalítico. Algumas mudanças em seu comportamento de hiperatividade já estão sendo percebidas, algo que toca seu diagnóstico precoce. Nas discussões relativas a essa vinheta, tratou-se do abandono por parte da família e da falta de apropriação da criança de sua própria história. O cuidador é sempre visto como aquele que tem o saber sobre a criança. O passado fica sempre perdido, as expectativas futuras também não são apontadas e a história é o presente a partir do cuidador, que não busca o saber na criança.

Em todo esse processo, como se articula a rede de proteção e qual seria a função do cuidador? O hospitalismo, a função da mãe e a maternagem, o abrigo, a instituição de acolhimento, foram temas abordados e debatidos. E ainda, a questão do “saber e segredo” da criança, o diagnóstico precoce apontando para um apagamento do sujeito. Em relação aos cuidadores, aparece o “anonimato” – e o que precisa ser transmitido à criança é justamente um desejo que não seja anônimo. A respeito do silêncio na história da criança, quanto ao seu passado e futuro, o preenchimento desse vazio geralmente é feito pelo adulto que cuida, esvaziando a possibilidade de a criança existir diante de seu “saber e seu segredo”, lugar este que está sempre por vir – construção particular de cada um – precisando ser respeitado. É exatamente neste aspecto que as vivências do CIEN contribuem, ajudando na visualização de que algo não será preenchido, e que é neste espaço dito “vazio” que alguns impasses poderão ser transpostos. Isso que é da estrutura do humano, do lugar do mal-estar, geralmente é visto como fracasso e capturado pelo diagnóstico, pela medicalização e outros apagamentos.

Além dos relatos apresentados e comentados pelos laboratórios, a prática das conversações entre os laboratórios do CIEN mostram-se efetivas. Participantes do CIEN e o público interrogam-se sobre as vinhetas práticas: *“o que pensar sobre a casa de acolhimento que finalmente fica com a criança, quando todas as outras instituições a recusam”*? Questões de ordem ética e política são levantadas sobre a função do CIEN: o que o difere das equipes multidisciplinares? O que é o interdisciplinar que o CIEN propõe? Por que é necessário a presença do analista no CIEN? O espaço que hoje se utiliza para conversação entre os laboratórios do CIEN marca o desejo dos participantes de que essa prática continue, ela nos é útil e se faz necessária.



REFLEXÕES - TRABALHOS EM CARTEL_____

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO EM CARTEL PARA A FORMAÇÃO DO ANALISTA

Cinthia Busato

Começo agradecendo o gentil convite de Cássia para que eu falasse aqui hoje. Gentil em vários aspectos: o primeiro que vou abordar é o da aposta, eu diria, inclusive, da ousadia, de convidar alguém que acabou de entrar como membro da EBP e que não tem um percurso tão longo como tantos colegas dentro dessa Escola. Fui convidada como Diretora de Cartéis da Seção Santa Catarina e me autorizei a aceitar esse convite, acreditem, não sem receio, para falar de um tema que sempre me causou, sempre mobilizou meu percurso dentro da Escola, que é exatamente o cartel.

Desde que comecei a estudar a psicanálise lacaniana faço cartéis, muitas vezes dois ao mesmo tempo. E desde o início me apaixonei pela lógica que funda o cartel. O “por sua conta e risco” sempre me estimulou a valorizar o que tenho de melhor em mim: o que ainda não sei. Era assim que eu chamava o que, com Lacan, aprendi a chamar de não-todo, e achei mais adequado este termo, pois “o que ainda não sei” pode ser entendido também como “um dia vou saber tudo”, em que, de fato, nunca acreditei.

Poder estar com pessoas que escolho para conversar, debater, não saber temas que me interessam e, a partir daí, construir algum saber sobre isso, sempre me ajudou a construir tanto um saber teórico que me apoia, quanto a minha relação com a Escola.

Bem no início do meu percurso lacaniano, escrevi um texto chamado *“Quem ousa erra”*, que começa assim: *“Temos, na neurose, duas possibilidades frente a esta afirmação: o obsessivo não ousa para não errar, a histérica finge que ousa para provar que não erra. A psicanálise propõe uma terceira saída, ousar sabendo que o erro é possível. Mais do que isso, aposta no erro como caminho em direção ao fracasso do Ideal, este que dita o que é errado. Para a psicanálise não é errando que se aprende, portanto acerta, mas é ousando errar que se escreve o nome próprio, nome que aponta na direção do impossível. Ousadia não é o mesmo que ser afoito ou desafiador. Confunde-se, hoje, pressa, afobação, atitude desafiadora, com ousadia. Erro grave. O ousado pode ser muito lento. O ousado não baniu o medo, resolveu seguir com ele. O ousado suporta a falta, coisa que o afoito, ansioso, não tolera. O ousado vislumbra o impossível, coisa que o afoito, ansioso, não tolera. O ousado a-risca, imprime marca singular no seu ato. Ao desafiador importa mais destruir a marca do outro. Por que este elogio à ousadia? Porque frente à padronização, ao horror ao erro, a sair do padrão, a ousadia está cada vez mais rara, e o que aparece em seu lugar é a pressa e a atitude desafiadora por si só. Estas são impedimentos ao laço social, pois promovem um investimento maior em banir a falta, fortalecendo a imagem narcísica, especular, do que em criar possibilidades de lidar com as diferenças, fundamental para o laço social”*(1).

Vou começar a pensar daí a importância do cartel para a formação do analista e também o dispositivo cartel no século XXI. Muito me ajudou o texto de Vilma Cocozz (2) “O cartel: um novo laço”, publicado no Boletim Uno por uno #10, que está na página da NEL-México.

No texto *“Da psicanálise em suas relações com a realidade”* (3), Lacan nos diz que *“Os psicanalistas são sábios de um saber que não podem cultivar/conversar...daí sua associação com aqueles que só compartilham com ele esse saber por não poder trocá-lo/intercambiá-lo”*. Uma das vias para se relacionar com essa impossibilidade de comunicação é a própria análise, mas o saber construído em uma análise é limitado: podemos saber da determinação inconsciente sobre o ser falante, saber do gozo particular que obtemos com nosso sintoma. Mas o sujeito nada pode saber do sentido do

sintoma do outro, da satisfação que esses sintomas produzem. Para poder permitir ao outro o acesso a este saber não basta tê-lo conquistado, há que consentir com o passe, onde algo se pode transmitir, mesmo que não seja tudo. Então, mesmo que sejam eruditos em um saber sobre a estrutura, os psicanalistas não se reúnem como sábios para conversar sobre seu saber e ampliar o campo da erudição, mas se associam justamente pelo contrário: por uma impossibilidade de conversar. As formas que Lacan propõe para a organização dos analistas seguem a referência da distinção entre o laço coletivo onde a referência é o ideal que satura a falta e a lógica coletiva que se situa em relação à falta do Outro, que indica o furo no saber. Tanto o passe quanto o cartel se inserem nessa lógica, numa tensão entre o que entra no laço social e o que não é coletivizável de cada um.

É nesse ponto que o Cartel encontra a especificidade de sua função: ser a dobradiça, ser a articulação entre o psicanalista na solidão de seu ato, e a Escola, onde os analistas trabalham para a transmissão da psicanálise. Se pudéssemos transmitir tudo, o que restaria? Eu imagino que tédio, pois se fosse possível transmitir tudo a arte não teria função, nem a psicanálise.

Então, acho que a psicanálise traz inoculado dentro de seu discurso esse saber que é o que faz de mim uma otimista em relação à psicanálise no século XXI: saber que não sabe tudo, saber que estamos marcados no corpo pela palavra e que isso nos coloca como sujeitos divididos entre uma verdade que nos habita e imprime nosso estilo e um saber que vai sendo construído a partir dela.

Essa verdade, o Um, que marca alguma coisa do real do gozo, é o que vai orientar o sujeito em sua nomeação sintomática, seu “*sintoma como aparelho individual para situar o objeto pequeno a, essa parte elaborável do gozo*”(4). O que seria ousado aqui, que é a proposta da psicanálise, é suportar o vazio de significado, ao invés de tamponá-lo. É colocar o objeto pequeno a como causa de desejo e não como objeto de mercado atrelado a um mais-de-gozar. “*Na perspectiva do último ensino de Lacan, trata-se, sobretudo, de captar a maneira pela qual o sujeito está articulado ao Outro pelas operações de batismo essenciais de seu sinthoma, de um gozo que se esquia a ser inscrito de uma vez por todas no lugar do Outro.*” (5) Ousar é fazer do vazio angustiante e enigmático uma marca própria.

A psicanálise efetuou uma subversão na lógica numérica. Aqui, a sequência deixa de ser 1,2,3 para ser 1,3,2, já que para sair da lógica especular que de 2 faz 1, o sujeito precisa encontrar o 3, o terceiro termo, aquele que traz a possibilidade de exclusão, imprescindível para a elaboração da castração. É o que salva o sujeito do paraíso da simbiose da não diferença. É ele que possibilita o aparecimento do 2, a manutenção de dois sujeitos que suportam a diferença. No 2, o paraíso sem garantias, o paraíso do desejo, de uma inquietude que ousa em direção ao enigma do Outro e não da inquietude que tenta negá-lo.

O sintoma para a psicanálise tem duas vertentes: a vertente do sofrimento (gozo do sintoma) e a vertente do enigma (sentido do sintoma). Normalmente, é pela vertente do sofrimento que um sujeito chega na análise, mas para que esta se constitua como análise é preciso que seja propiciado um querer saber do seu sintoma, que o desejo de desvendar o enigma próprio seja despertado. A demanda terapêutica pode ser unicamente se livrar de seu sofrimento, e muitas terapias estão aí para mostrar que isso é possível, muitas vezes, simplesmente trocando o Ideal, “consertando”, tapando furos no Ideal manco ou trocando por um novinho em folha. O discurso messiânico é um bom exemplo. Nada de marca singular, aqui se trata de rebanhos. Aposta-se sempre no paraíso futuro, sem faltas, com a garantia de completude e satisfação. Mas como analistas sabemos que o furo é de estrutura, portanto sempre aparece. Esse é nosso horror e nossa salvação.

Voltando ao início: o obsessivo não ousando para não errar se mantém mais preso a uma perpétua tentativa de controle. A histérica fingindo ousar para provar que não erra, que um dia, será ela própria A Mulher, não conhece alívio dessa tensão. Em ambos, o 2 não se estabelece, a impotência não foi elaborada pelo saber de sua verdade singular, que permite tratar o furo como impossível.

Termino com uma citação de Ana Lúcia Lutterbach-Holck “*Lacan ... já na época do seminário I... nos aponta o melhor remédio para enfrentar a ciência da felicidade e suas cifras: a coragem. A coragem, como nos falou Badiou, não é um momento heroico em que se coloca face ao impossível, mas uma virtude construída na prática para se sustentar no impossível. A coragem pode ser algo que nos oriente localmente na desorientação global*” (6).

“Todo caminho da gente é resvaloso
Mas também, cair não prejudica – nada demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!...
O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí
Afrouxa, sossega e depois desinquieta
O que ela quer da gente é coragem.” Guimarães Rosa



Referências

1.BUSATO, Cínthia. Quem ousa erra Atas da V Jornada da seção Santa Catarina

2.COCCOZ, Vilma. Em <http://pequenaleitura.blogspot.com.br/2012/11/el-cartel-un-nuevo-lazo-por-vilma-coccoz.html>

3.LACAN, Jacques. "Da psicanálise em sua relação com a realidade" in Novos escritos, p. 358.

4.MILLER, Jacques-Alain; “O sintoma como aparelho”, in O sintoma Charlatão. p.16. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998 (Campo Freudiano do Brasil)

5.MILLER, Jacques-Alain; “ Nascimento do Sujeito Suposto Saber” In Correio número 60, p. 19 -Clínica e Pragmática, 2008.

6.LUTTERBACH-HOLCK, Ana Lúcia . “Depressão, felicidade e algo mais...” in Opção Lacaniana - nº 51, p. 8 - Abril 2008.

UM BONECO VIVO!

Maria de Lourdes Mattos

A partir de duas referências extraídas do campo da arte, produzidas em momentos históricos distintos, pretendo contribuir com questões da atualidade da clínica.

Inicialmente, me pergunto sobre a possibilidade de diálogo entre duas produções bem distintas: uma extraída da literatura fantástica, do século XIX, e, a outra, do cinema do século XXI. Na primeira, há a dúvida se um ser aparentemente animado tem vida e, na segunda produção, onde essa dúvida não se apresenta, aparece a questão da mudança de sexo, um homem compulsoriamente é transformado em mulher. Talvez a metáfora de um “boneco vivo” e de um “vivo como um boneco” aproxima e distancia essas duas produções.



Trata-se de “O homem de areia”, escrito por Hoffmann (1), em 1817 e que inspirou Freud (2) com o texto “O estranho”, elaborado em 1919, e do filme “A pele que habito”, de Pedro Almodóvar, realizado em 2011.



Na introdução ao conto, Italo Calvino (3) considerou: “A descoberta do inconsciente ocorre precisamente aqui, na literatura romântica fantástica, quase cem anos antes que lhe seja dada uma referência teórica.”

No conto, o jovem Natanael identifica o “homem de areia”, aquele que arrancava o olho das crianças, com o advogado Coppelius, amigo do pai, cuja morte ocorreu no escritório por uma explosão, após visita do advogado, que desaparece depois desse acontecimento. O fantasma do homem que arrancava o olho das crianças acompanha a vida de Natanael e reaparece em sua época de estudante, na figura do oculista Coppola, vendedor de barômetros, que lhe vende um telescópio. Com esse instrumento, o jovem observa a casa da frente, do professor de física Spallanzani, espiando a bela filha Olímpia, silenciosa e imóvel. Apaixona-se por ela, esquecendo-se de sua noiva. Mas Olímpia é um autômato, um boneco produzido pelo professor, cujos olhos foram colocados por Coppola, o homem de areia. Em dado momento, na tentativa de proteger Olímpia, o jovem invade a casa do professor que discutia ferozmente com o oculista. Na disputa entre os dois “cientistas”, a boneca é despedaçada e seus olhos são arremessados no peito de Natanael, que nesse momento, sucumbe à loucura. Ao se recuperar, o jovem retoma suas atividades e seu relacionamento com a noiva. Em um passeio com ela, resolvem observar a cidade do alto de uma torre. Fazendo uso do telescópio, ao observar a paisagem, avista o professor Coppola, o que ocasiona novo ataque de loucura e passagem ao ato. Gritando “*gira, bonequinha de pau... Bonequinha de pau, gira!*”, tenta arremessar a noiva do alto da torre, que é salva pelo irmão. Continuando seu ataque, com os berros “*lindos olhos... lindos olhos*”, atira-se do alto da torre.

De acordo com Freud (4), o estranho, algo assustador que remete ao que é familiar e deveria permanecer oculto, está ligado à figura do Homem de Areia, aquele que tira os olhos das crianças. A dúvida quanto à boneca, se é um ser vivo ou inanimado, é irrelevante em termos de estranheza. Freud relaciona o medo de perder os olhos ao complexo de castração, substituindo “o Homem de Areia ao pai temido, de cujas mãos é esperada a castração”. Os inventores da boneca seriam a reencarnação dos pais de Natanael e Olímpia, a “materialização da atitude feminina de Natanael em relação ao pai na sua infância”. O amor que o jovem sente pela boneca seria a expressão da forma do amor narcísico.

Entre os temas ligados ao estranho, Freud destaca o fenômeno do duplo e o efeito produzido quando algo da ordem do imaginário aparece na realidade, ou seja, quando desaparece a distinção entre o imaginário e a realidade (5). Lacan (6) enfatiza a importância da localização de Freud no texto de Hoffmann, do fenômeno do estranho para tratar a angústia. Quando algo que deveria permanecer oculto vem à luz, “a imagem especular transforma-se na imagem do duplo”. Segundo ele, na história de “O homem de areia, vemos o sujeito saltar de uma captação para outra, diante da forma de imagem que materializa... A boneca... é essa imagem, i’(a), na operação de complementá-la com aquilo que, na própria forma do conto, é absolutamente distinto dela, ou seja, o olho. O olho de que se trata só pode ser o do herói (Natanael)...” Considera a preciosidade do campo da ficção, na experiência do estranho (unheimlich) para localizar o campo da fantasia.



O véu da fantasia protege o real. Na contemporaneidade, com a crise do simbólico, talvez seja válido considerar que carecemos dessa proteção.

Em entrevista para a EBP-MG (7), François Ansermet considera que os avanços da ciência colocam em crise o simbólico, ao mesmo tempo que, ao pretender tratar o real, o produz cada vez mais, gerando novas questões. Levando em conta a especificidade de cada abordagem, refere que não só a ciência e a psicanálise tratam o real, mas a arte também, e sua particularidade está em ir direto ao ponto.

O filme de Pedro Almodóvar é um exemplo disso. Em “A pele que habito”, procura-se produzir a cópia de uma mulher, como se fosse um “clone”, a partir do corpo de um homem. É o duplo da ciência! Para além da era da máquina, da produção dos robôs, um dos temas do século XXI é a biotecnologia de reprodução, da mudança de sexo, o que, segundo Ansermet, pode fazer a realidade delirar.



Antônio Banderas interpreta um cirurgião plástico, o Dr. Robert Ledgard, que perdeu a mulher queimada num acidente de carro. Inventava uma nova pele com a qual poderia salvá-la. Para fazer uso de seu experimento utiliza o corpo de Vicente (8), que supostamente violentou sexualmente sua filha Norma (9). No seu laboratório, Dr Robert produz a bela mulher no corpo de seu prisioneiro. Vera (10) é o resultado da invenção. Mas algo escapa ao poder ilimitado da ciência: Vicente continua habitando o corpo da bela mulher!

No Seminário sobre o *Sinthoma*(11), Lacan refere que a psicanálise ao considerar o sujeito dividido pela operação da linguagem, encontra sua difusão ao questionar a ciência, que faz de um objeto um sujeito.

Ser homem ou mulher vai além da diferença anatômica entre os sexos, supõe uma implicação subjetiva do sexo. A partir das fórmulas de sexuação (12), Lacan elucidou que há diversas maneiras de o sujeito inscrever seu corpo e seu gozo em relação ao significante fálico.

Referências

(1) (HOFFMANN, E.T.A. “O homem de areia”. In: Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano/org. de Italo Calvino – SP: Companhia de Letras, 2004, p. 49-81.

(2)FREUD, S. “O estranho”. In: Obras Completas. RJ: Imago, 1996, p. 234-69.

(3) HOFFMANN, E.T.A. op. cit., p. 49.

(4) FREUD, S. op.cit.

(5) FREUD, S. Op. cit, p. 261.

(6) LACAN, J. “O seminário, livro 10: a angústia”. RJ: Zahar, 2005, p.57-9.

(7) Boletim Sinapsy, Entrevista de François Ansermet para a XVIII Jornada da EBP-MG.

(8) Vicente é interpretado por Jan Cornet.

(9) Norma é interpretada por Bianca Suarez.

(10) Vera é interpretada por Elena Anaya.

(11) LACAN, J. “O seminário, livro 23: o sinthoma”. RJ: Zahar, 2007, p.

(12) LACAN, J. “O seminário, livro 20: mais ainda.” RJ: Zahar.

EBP-SP na Casa das Rosas (Avenida Paulista, 19/10/2013)

LOUCOS DE PAIXÃO

Maria do Carmo Dias Batista

Pensei em trabalhar o tema “*Loucos de Paixão*” através do cinema desde o momento em que recebi o convite da Diretora da EBP-SP, Marizilda Paulino, a quem agradeço. A Perpétua Medrado Gonçalves, que há vários anos participa deste evento e, assim, sustenta uma possibilidade de inserção da EBP-SP na Cidade, gostaria de, além de agradecer pelo longo tempo de trabalho conjunto, fazer um elogio. Um elogio à loucura, ao delírio, de sua crença inquebrantável na Escola e no trabalho com a doença mental, baseando-me na formulação de Jacques-Alain Miller da generalização do delírio: *todos os nossos discursos são delirantes, são defesas contra o real* (1). Agradeço ainda a Cynthia Nunes de Freitas, Diretora de Biblioteca de EBP-SP, que participa da organização deste evento e de muito outros com o objetivo de ampliar a presença do Campo Freudiano.

Falar de cinema e psicanálise é falar da psicanálise aplicada a uma das manifestações mais importantes da cultura desde sua invenção no século XX. O cinema se inseriu na sociedade de forma contundente, como se houvesse uma sede da ficção mostrada em imagens em movimento. Produziu uma identificação maciça. A literatura, a música, a ópera não bastavam mais.



Aplicar a psicanálise ao cinema não é psicanalizar diretores, autores, atores, mas, como durante mais de quinze anos meu querido Marco Antônio Guerra e eu colocamos em prática no Seminário de Cinema e Psicanálise, trata-se de sacudir, atualizar os conceitos da psicanálise através dos excelentes exemplos oferecidos pelo cinema.

O tema “*Loucos de Paixão*” nos inspirou a escolher, para a conversa de hoje, o filme “*O Império dos Sentidos*”, como vocês acabaram de escutar e saber através da bela fala de Marco. Esse foi um dos filmes que Lacan viu e aplicou à psicanálise (conforme título do livro de Carlos Gustavo Motta *Las películas que Lacan vio y aplicó al psicoanálisis*) (2). A referência está no *Seminário 23* (3), de 1976, mesmo ano de lançamento do filme. Lacan conta a seu auditório que esteve em uma salinha de projeção reservada e escondida, em Paris, pois o filme estava censurado. Convidou algumas pessoas de sua Escola e todos, segundo Lacan, saíram embasbacados (*soufflés*), assombrados. O efeito provocado pelo filme em Lacan deve-se a ter nele localizado um exemplo surpreendente do erotismo feminino. Ele não esperava ver isso em um filme japonês e começou, então, a compreender o poder das japonesas.

No filme, o erotismo feminino foi levado ao extremo, e esse extremo é a fantasia de matar o homem. Porém, continua Lacan, isso não basta. Depois de tê-lo matado vai mais longe. Depois, a japonesa corta o pênis de seu parceiro. Por que depois? Talvez possamos entender a partir do que disse Marco: ela corta o pênis depois, porque matar o homem foi um ato falho, inesperado, uma força um pouco maior no garrote que tinha por objetivo obter mais uma ereção. Mais uma ereção ainda.

O filme se baseia em coisas que, de fato, aconteceram no Japão, em 1936, às vésperas da invasão da China. Errar pelas ruas de Tóquio por quatro dias, carregando apertado junto ao corpo o pênis do morto envolto em um lenço de seda vermelho, até ser presa, indica talvez o ato falho. Essa também é a opinião de Carlos Gustavo Motta, que diz: *ao voltar do intenso clímax descobre que seu amante morreu* (4).



Lacan se pergunta por que ela não o cortou antes, independente do que ocorreu na realidade, para reafirmar que a fantasia extrema do erotismo feminino é matar o homem e não castrá-lo! Se a fantasia do homem é fetichista e ele faz amor com as fantasias de seu inconsciente, a fantasia da mulher, como nos é demonstrado pelo filme, é alguma coisa que, de todo modo, impede o encontro, pois não tem limite, visa um gozo ilimitado. A mulher não é [toda] determinada por seu inconsciente.

A sexualidade, para Freud, se inscreve na fantasia inconsciente, e esse é o campo por excelência do erotismo. Através da construção fantasística do corpo erógeno o humano se diferencia dos outros animais e das técnicas comportamentais defendidas pela sexologia, centrada no corpo biológico.

A possibilidade de constituição do corpo erógeno, através da relação com o Outro, é o avanço em direção à vida erótica criativa onde o velamento excita e incita ao deciframento do enigma que, por sua vez, nunca se alcança e sempre é mantido pela força da pulsão. Este é o ponto central da genial descoberta de Freud, pois até o século XIX a sexualidade era identificada com o registro da reprodução biológica.

Assim, parece claro que a mulher ocupe para o homem, pelo menos no que se refere ao gozo fálico, o lugar de fetiche. Porém, caberia perguntar ainda, por que é a mulher que deve ocupar esse lugar de falo ou de objeto? Segundo Lacan, é por ter o órgão fálico que o homem não é o falo, o que implica que a mulher possa ser o falo. É por não ter o falo que a mulher adquire seu valor.

O erotismo feminino, mesmo que concebido apenas a partir da função fálica, indica um para além do falo. Porém, no caso extremo desse erotismo, louco e enigmático, dentro da dialética entre o ter e o ser (o falo), matar o homem pode ser interpretado como a fantasia que tornaria possível à mulher ter o falo, e isso o filme mostra muito bem. Obrigada.

Referências

- (1) MILLER, J.-A., “Clinique ironique”. La Cause freudienne – Revue de l’ECF. Paris: ECF, n. 23. p. 7.
- (2) MOTTA, C. G., *Las películas que Lacan vio y aplicó al psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 2013.
- (3) LACAN, J., O Seminário – livro 23. O sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 122-123 e 199-200.
- (4) MOTTA, C. G. Op. Cit. p. 157.

A EBP-SP na Casa das Rosas - Resenha

LOUCOS DE PAIXÃO

Perpétua Medrado Gonçalves

“A loucura colocada em cena para fazer seu elogio e para dizer: todo mundo é louco.”(1)

A Escola Brasileira de Psicanálise - SP foi para a Avenida Paulista, na Casa das Rosas, participar do Sarau “*Chama Poética*” convidada por Fernanda Almeida Prado, a quem agradeço a possibilidade dessa parceria.

A Loucura elogia a si mesma, mostra-se como verdade, orgulha-se de dizer que ela é a única capaz de alegrar os deuses e os mortais. E dessa forma encanta a todos com o seu saber, mesmo satirizando a miséria humana.



“Assim, também, a mulher é sempre mulher, isto é, é sempre louca, seja qual for a máscara sob a qual se apresente... Não quero, todavia, acreditar jamais que o belo sexo seja tolo ao ponto de se aborrecer comigo pelo que eu lhe disse, pois também sou mulher, e sou a Loucura”(2).

“Elogio da Loucura”, Tema do Sarau "Chama Poética", é um texto de 1506 de Erasmo de Rotterdam, cuja narradora é a Loucura, ou seja, uma mulher. Ela mostra as diversas faces de sua sabedoria, suas ideias, suas paixões, seus ódios e seus temores. O texto apresenta uma visão irônica que condena os abusos, mas não as instituições.

Encontramos várias citações deste texto nos *Escritos* de Lacan. Lacan transformou a loucura no fio condutor do seu ensino e fez sua entrada na psicanálise, pois para ele o louco seria o único que poderia ser testemunha do Real. *“E o ser do homem, não somente não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem, se não trouxesse em si a loucura, como o limite de sua liberdade”* (3)

Começamos nossa atividade com a intervenção de Marizilda Paulino, Diretora Geral da EBP-SP, que deu as boas vindas e convidou todos para as Jornadas da EBP-SP 2013,Lacan. Psicanalista.Brasileiro.O que fazemos no Brasil com o Ensino de Jacques Lacan?

Maria do Carmo Dias Batista dividiu a Conversa Loucos de Paixão com Marco Antonio Guerra, professor da ECA/USP, especialista em cinema. Ambos falaram sobre o filme “O Império dos Sentidos”. Marco Antonio animou o debate ao trazer suas impressões do Japão, país em que morou por algum tempo.



O Império dos Sentidos (Ai no Korīda, ou 愛のコリーダ), é um filme franco-japonês de 1976, do gênero drama erótico. O filme foi proibido na sua primeira exibição no Festival de Nova York.

Marco Antonio discorreu sobre o filme que é considerado uma obra-prima do erotismo, baseada em um fato real ocorrido em 1936, um dos mais famosos escândalos do Japão. É a história da jovem Sada, ex-prostituta que se envolveu em um obsessivo caso de amor com o patrão na casa onde trabalhava como doméstica. A relação, que começou casual, atinge níveis em que a paixão não encontra mais limites.

“Quereis prova mais evidente de que só a loucura constitui o ascendente das mulheres sobre os homens? Os homens tudo concedem às mulheres por causa da volúpia, e é só com a loucura que as mulheres agradam aos homens”(4).

O casal passa os dias a fornicar e a beber, no bordel onde se refugiam, sem se alimentarem nem saírem do quarto, exceto quando Sada vai ganhar algum dinheiro para o sustento. Esse jogo amoroso culmina com a morte do amante quando Sada o estrangula, para garantir o máximo da ereção. Depois da morte do amante, ela corta seu pênis e passeia pelas ruas da cidade, com ele preso em seu corpo, até ser presa.

Maria do Carmo lembra que, falar de cinema e psicanálise, é falar da psicanálise aplicada a uma das manifestações mais importantes da cultura desde sua invenção no século XX. Comenta, também, que Lacan, no Seminário 23 o sinthoma (1975-1976), diz que saiu desse filme embasbacado. *“Fiquei embasbacado porque se trata do erotismo feminino”*(5). Para ele, no filme, o erotismo feminino foi levado ao extremo, e esse extremo é a fantasia de matar o homem. Mas Lacan diz: isso não basta. Depois de tê-lo matado, vai-se mais longe. Ela corta o pênis de seu parceiro. Por que depois? Pergunta Lacan, acrescentando: *“a japonesa em questão, que, é o caso de dizer, é uma amante mulher...”*

Maria do Carmo diz, a partir do que disse Marco Antonio: *“ela corta o pênis depois, porque matar o homem foi um ato falho, inesperado, uma força um pouco maior no garrote que tinha por objetivo obter mais uma ereção. Mais uma ereção "ainda”* (6).

Andar pelas ruas de Tóquio por quatro dias, carregando junto ao corpo o pênis do amante envolto em um lenço de seda vermelho, até ser presa, indica o ato falho, segundo Maria do Carmo. Ela cita Carlos Gustavo Motta: *ao voltar do intenso clímax descobre que seu amante morreu*(7).

Lacan, ao perguntar por que ela não o cortou antes, afirma que no filme vemos claramente que a *“castração não é a fantasia”* e reafirma que a fantasia extrema do erotismo feminino é matar o homem e não castrá-lo! *“Quanto ao que fantasia a mulher, se é como nos foi apresentado pelo filme, é alguma coisa que, de todo modo, impede o encontro.”*(8)

Assim, Maria do Carmo conclui sua fala: *“o erotismo feminino, mesmo que concebido apenas a partir da função fálica, indica um para além do falo. Porém, no caso extremo desse erotismo, louco e enigmático, dentro da dialética entre o ter e o ser (o falo), matar o homem pode ser interpretado como a fantasia que tornaria possível à mulher ter o falo, e isso o filme mostra muito bem”*(9). Para concluir trago este recorte sobre o filme, que encontrei em Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico - Boletim de 27 de dezembro de 2012 às 17:54

“Eis o extremo do erotismo feminino ou o lado mortífero do gozo feminino! A fantasia pode ser um modo do sujeito se virar com a castração □□ um modo paradoxal de se virar com a exigência pulsional. Mas, também há outros modos de se enlaçar gozo e desejo. Há outros modos de se arranjar com o erotismo feminino!”

Referências

(1)MILLER, J-A. Todo mundo é louco. Curso Orientação lacaniana III, 10. XVIII. lição do Curso. Paris, 11 de junho de 2008.

(2)ROTTERDAM, Erasmo. Elogio da Loucura. Martin Claret, São Paulo, 2012. Tradução de Paulo Sérgio Brandão.

(3)Lacan, J. Formulações sobre a causalidade psíquica. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

(4) ROTTERDAM, Erasmo. Elogio da Loucura. Martin Claret, São Paulo, 2012. Tradução de Paulo Sérgio Brandão.

(5) LACAN J. Seminário 23, O sinhtoma. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, p. 122. 123.

(6) DIAS BATISTA, M C. Loucos de Paixão. EBP-SP na Casa das Rosas. Texto apresentado na Conversa sobre Loucos de paixão em 19/10/2013.

(7) MOTTA, C. G., Las películas que Lacan vio y aplicó al psicoanálisis. Buenos Aires: Paidós, 2013.

(8) LACAN J. Seminário 23, O sinthoma. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, p. 122. 123.

(9) DIAS BATISTA, M C. Loucos de Paixão. EBP-SP na Casa das Rosas. Texto apresentado na Conversa sobre Loucos de paixão em 19/10/2013



BOLETIM HAUN

Leiam o boletim haun número

<http://www.ebp.org.br/haun/boletins/011.asp>

ECOS DO MUNDO

Congresso da AMP - Paris 2014

Boletim de Informação do IX Congresso da AMP

Todos os What's up ! estão no site do Congresso em 5 idiomas:

Français: http://www.congresamp2014.com/fr/Whats-up/WhatsUp_006.pdf

Español: http://www.congresamp2014.com/es/Whats-up/WhatsUp_006.pdf

Português: http://www.congresamp2014.com/pt/Whats-up/WhatsUp_006.pdf

Italiano: http://www.congresamp2014.com/it/Whats-up/WhatsUp_006.pdf

English: http://www.congresamp2014.com/en/Whats-up/WhatsUp_006.pdf

“Lacan Cotidiano”, continua a ser veiculado em português por nossas mídias, traduções realizadas por psicanalistas brasileiros sob a coordenação de Maria do Carmo Dias Batista. Pode-se ler em português os artigos publicados, acessando www.ebp-sp.blogspot.com.br .
Os mesmos artigos e outros podem ser lidos no original francês: <http://www.lacanquotidien.fr/blog>

ENSINO DE LACAN



" ... o psicanalista é colocado pelo discurso que o condiciona numa posição, digamos, difícil. ... Por pouco que tenha praticado a análise, o psicanalista sabe, por experiência própria, ter um denominador comum com o que eu digo."

JACQUES LACAN, O SEMINÁRIO - LIVRO 19 ... ou pior.

AGENDA

AGENDA- EBP SP

06/11 - Seminário do Conselho - ...ou pior, parte III - O Um, Que Ele Não Acesse o Dois, cap. XIII - Na base da diferença dos sexos. Apresentação: Paola Salinas Coordenação: Luiz Fernando Carrijo da Cunha.

08 e 09/11 - Jornadas da EBP-SP 2013

Convidado: Jorge Forbes - Coordenadora Geral: Marizilda Paulino.

13/11 - Seminário do Conselho - ...ou pior, parte III - *O Um, Que Ele Não Acesse o Dois, cap. XIV - Teoria das quatro fórmulas (palestra)*. Apresentação: Maria Bernadette Pitteri Coordenação: Luiz Fernando Carrijo da Cunha.

20/11 - Não haverá atividade em São Paulo - Enapol em Buenos Aires.

27/11 - Não haverá atividade em São Paulo.

SECRETARIA DO PASSE - EBP

INFORMAÇÕES: Maria Cecília Galletti Ferretti

(11) 3675-2921 - (11) 99626-6225

Editora: Bernadette Pitteri Revisora: Daniela Affonso

Diretoria da EBP- SP

Diretora Geral:
Marizilda Paulino
Diretora Secret-ria- Tesoureira:
Maria Helena Barbosa
Diretora de Interc,mbio e CartÊis:
Cássia Maria Rumenos Guardado
Diretora de Biblioteca:
Cynthia Nunes de Freitas Farias



EBP-SP

Rua Jo„o Moura, 627 cj. 193
CEP 05412-001 - S„o Paulo - SP

Telefone: 11 3081 8947
Fax: 11 3063 1626
e-mail: ebpsp@ebpsp.org.br
www.ebpsp.org.br
Blog: <http://www.ebpsp.wordpress.com>

